

“As coisas revestidas de morte são também as coisas revestidas de vida”: resenha de *Lili: novela de um luto*, de Noemi Jaffe

JAFFE, Noemi. *Lili: novela de um luto*. Companhia das Letras: São Paulo, 2021. 112p.

Camila Geovanna Alves da Silva*

O livro *Lili: Novela de um luto*, de Noemi Jaffe, foi publicado pela Companhia das Letras em julho de 2021. Em *Lili*, a escritora e crítica literária Noemi Jaffe retrata a morte de sua mãe através de um relato autobiográfico sobre o trabalho do luto e as formas de preservação do Outro perdido. Ao partir das últimas semanas da vida de sua mãe, a narradora revisita os momentos que precederam a morte várias vezes prevista e anunciada pelos médicos, ainda que nunca concretizada.

Quando o prognóstico parece condizer com a degeneração da saúde de sua mãe, confessa a narradora, “a sensação era de medo e também de alívio” (JAFFE, 2021, p. 26). Diante dos dedos gangrenados, das frequentes sextas perturbadas pela “dor da separação” (JAFFE, 2021, p. 26) e da angústia suscitada pelo medo, a morte de Lili é recebida como um alívio a princípio agridoce, e, em seguida, agudamente amargo: “Só aos poucos”, descreve a narradora, “superado o tempo do alívio pelo sofrimento que minha mãe vinha sentindo, é que a morte, em mim, vai se instalando como o acontecimento que ela é: a ausência completa” (JAFFE, 2021, p. 26). “Tive a ousadia de abrir os olhos dela,” confessa Naomi, “e por trás das pálpebras lá estava o olho inteiro, da mesma cor, o mesmo olhar, ainda que ninguém olhasse por trás dele. Não foi masoquismo, um prazer mórbido. Foi tão simples como uma despedida de amor ou a dificuldade da separação” (JAFFE, 2021, p. 3). Não posso senão evocar a indagação de Georges Didi-Huberman (2010, p. 30, grifos do autor): “quando vemos o que está *diante* de nós, por que uma outra coisa sempre nos olha, impondo um *em*, um *dentro*?”.

A abertura dos olhos da mãe pode conotar uma tentativa de confirmação da mudança da matéria viva, presença, em matéria inerte, ausência, assim como uma possível procura da narradora pela confirmação da morte de sua mãe através da cisão, isto é, da ruptura final que delimita a vida e a morte e da ruptura representada pelas pálpebras,

*Graduanda em Letras (Bacharelado) pela Universidade Federal de Pernambuco. E-mail: macunamila@gmail.com.

forçadamente abertas e involuntariamente fechadas, que escondem, por sua vez, os olhos impossibilitados de *olhar*. Afinal, como afirma Didi-Huberman (2010, p. 29), “o que vemos só vale – só vive – em nossos olhos pelo que nos olha. Inelutável porém é a cisão que separa dentro de nós o que vemos daquilo que nos olha”. Ora, mesmo diante da mudança que define a natureza da matéria, se viva ou morta, é na morte em que convivem, de forma confusa e quase integrada, a ausência e a presença, cujo estranhamento parece ser experimentado por Naomi ao relatar: “Resisti: é o corpo da minha mãe. Era ela ou não era ela? Na hora, para mim, era. O corpo da minha mãe morta é minha mãe” (JAFFE, 2021, p. 3).

O luto, sentido pela narradora na pungência da “lembrança viva da morte dela” (JAFFE, 2021, p. 28), se instala no decorrer dos dias como forma de enfrentamento da perda, formalizada através das várias confissões da recusa ao adeus: “Não quero deixar partir [...] Quero que doa, que doa fundo, não por masoquismo, mas para não perdê-la, para não perder seu corpo mesmo que doente. Quero sentir a ferida dessa ausência, o buraco dentro de mim” (JAFFE, 2021, p. 6). Frente às tradicionais frases de reconforto do luto, Noemi se propõe a trilhar o caminho oposto daquela que diz “que a pessoa morta deixa parte dela com quem fica”, entendendo, por sua vez, “que ela também leva consigo uma parte nossa”, e culminando, finalmente, na reflexão: “Que parte de mim minha mãe levou?” (JAFFE, 2021, p. 29). Mesmo ao constatar a mudança física nos seus “olhos mais caídos”, do desânimo perante as atividades cotidianas e da antissociabilidade, que, ao seu ver, são sintomas de uma “tristeza de agora”, a narradora não se dá por satisfeita, de que decorre a insistência na pergunta: “O que será que ela levou de mim de definitivo?” (JAFFE, 2021, p. 7).

Com o passar dos meses, Noemi parece perceber que a morte de sua mãe ensejou a possibilidade de enxergar “um pó de morte” em volta do qual o mundo e as coisas se tornam “ao mesmo tempo sem sentido e cheios de sentido”, pois, se, por um lado, suas atividades cotidianas voltam a tomar a normalidade de sempre, por outro, “tudo se reveste de mais beleza e de uma espécie de tato” (JAFFE, 2021, p. 30). O tato das coisas, termo empregado pela narradora a fim de expressar como tudo que gosta “parece mais pegável”, surge como a face do luto antes ocultada pela constante impressão da perda da “parte de mim” que “minha mãe levou” (JAFFE, 2021, p. 31), afirma a narradora, de que depreende, enfim, que as “coisas revestidas de morte são também as coisas revestidas de vida” (JAFFE, 2021, p. 31).

Valorizada pelo trabalho da morte, a vida passa a ser experimentada através de uma lente que potencializa sensações e situações aparentemente corriqueiras, como o “sabor do abacaxi, do sorvete, a fotografia em um filme [...], o ritmo das frases de um livro, o som das palavras, o verde dos olhos do João, as pétalas roxas da árvore no piso do terraço [...]” (JAFFE, 2021, p. 35). Assim, Noemi assiste à transformação da dor da ausência em promessa de presença, sentida no microcosmo de cada experiência vivida. E, nesse processo de

ressignificação da ausência, a narradora transforma essa presença reconstituída em (re)presença, isto é, na representação possibilitada pelos infinitos mundos acessados e (re)criados na mimese literária.

Ao aprofundar o trabalho do luto pela criação literária, a narradora evoca os ecos de outros escritos voltados à descrição da perda, a exemplo do célebre poema de Edgar Allan Poe: “Esse nunca mais, como no poema ‘O corvo’, é a grande dor. Esse decreto impositivo do tempo, como a voz de um grande deus, ‘nunca mais’” (JAFFE, 2021, p. 27). A evocação do famoso mote de Poe enseja, aqui, o recurso aos versos de Carlos Drummond de Andrade, cuja interpretação da ausência parece, por sua vez, sintetizar o processo de transformação relatado por Noemi ao longo da narrativa:

Por muito tempo achei que a ausência é falta.
E lastimava, ignorante, a falta.
Hoje não a lastimo.
Não há falta na ausência.
A ausência é um estar em mim.
E sinto-a, branca, tão pegada, aconchegada nos meus braços,
que rio e danço e invento exclamações alegres,
porque a ausência, essa ausência assimilada,
ninguém a rouba mais de mim.
(ANDRADE, 2015, p. 17).

Ao admitir a ausência não como falta mas como possibilidade de (re)presença, Noemi, assim como Drummond, transforma a dor da perda em obra-prima da criação e, nesse sentido, em ramificações para possíveis lugares imaginários ou concretos em que vida de Lili é inscrita: o texto literário, por exemplo, ou mesmo o próprio corpo de sua filha. A respeito da dimensão corporal de que se preenche a literatura, nesse caso, me permito lembrar, como faz Georges Bataille (2013) no seminal *Erotismo*, que a diferença entre o reprodutor e a reprodução, na reprodução sexuada, se estabelece a partir de uma descontinuidade que consiste na criação de um novo ser a partir da junção de dois seres. Enquanto a separação pelo parto estabelece a uma só vez a relação descontínua entre reprodutor e reprodução, a separação pela morte, no entanto, parece torná-la novamente contínua. Tal parece ser o movimento de volta à continuidade que Naomi descreve ao relatar: “Percebo o quanto tenho imitado e incorporado gestos e expressões de minha mãe [...]. Ela agora mora no meu corpo e na minha memória, e muitas vezes, ao me sentar para orar, sinto uma película fina de ar me envolvendo [...]. Minha mãe se tornou um roçar” (JAFFE, 2021, p. 112).

O relato autobiográfico, na instância simbólica de epicédio, ao se tornar a forma em que a vida de Lili não para de se (re)criar, nos induz à dúvida: afinal, a quem remete a perda do luto no título da novela: à mãe, que, mesmo morta, é preenchida de vida nas

dependências do espaço da criação, ou à filha, para quem o processo criativo medeia a fusão metamórfica com a mãe? Como tentativa de resposta a uma tal pergunta, cuja elaboração pressupõe a coexistência de ambas as possibilidades, recorro novamente a Georges Bataille (2013, p. 37), agora mediante uma paráfrase: “A morte de um é correlativa ao [re]nascimento do outro, que ela anuncia e de que é a condição”. Tal integração simbiótica, sustentada pelo fio da memória, é cultivada pelas vias da criação e vivida, fora dela, como forma de ser e estar no mundo em que a presença Lili se torna, como descreve a narradora, “uma película fina de ar”: “A vida aqui fora é uma metáfora da memória”, afirma a narradora, “[...] e também a memória passa a ser uma metáfora dessa vida, funcionando ambas por osmose e imitação” (JAFFE, 2021, p. 59).

Inscrita na materialidade do texto literário, a vida de Lili é recontada e eternizada a ponto de atingir o infinito possível de formas, sentidos e significados, dentre os quais a transfiguração em ar, elemento natural, natureza, que ocasiona a convivência entre mãe e filha, na descrição da qual a narradora celebra: “Você dizia: ‘Como é bom estar junto!’. Mãe, como é bom estar junto” (JAFFE, 2021, p. 67). Ao que conclui, no que parece ser um indício de compreensão da morte não como perda, mas como possibilidade de transformação: “Quando chegar a hora da minha morte, quero que seja silenciosa como a dela. Mas principalmente que reste de mim o que dela resta em mim agora — esta película de ar” (JAFFE, 2021, p. 112).

Referências

ANDRADE, Carlos Drummond de. *Corpo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

BATAILLE, Georges. *O erotismo*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013.

DIDI-HUBERMAN, Georges. *O que vemos, o que nos olha*. São Paulo: Editora 34, 2010.

JAFFE, Noemi. *Lili: novela de um luto*. Companhia das Letras: São Paulo, 2021. Recurso eletrônico.

Recebido em 2 de fevereiro de 2023

Aceito em 3 de março de 2023